



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

Ribas Ferreira Paes, Adriana; Seabra Costa, Karla da; Pessoa Fontes, Luciana; Ribas Castro, Rodolfo  
de; Nogueira Engelhard, Susana

Interações Iniciais Mãe-bebê

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 17, núm. 3, 2004, pp. 295-302

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18817302>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# Interações Iniciais Mãe-bebê

Maria Lucia Seidl de Moura <sup>1 2</sup>  
Adriana Ferreira Paes Ribas  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Karla da Costa Seabra  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Universidade Estácio de Sá  
Luciana Fontes Pessoa  
Rodolfo de Castro Ribas Jr.  
Susana Engelhard Nogueira  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

## Resumo

Este estudo visou a analisar características das interações iniciais mãe-bebê em um contexto urbano brasileiro. Foram analisadas as características de interações, atividades maternas e a concepção acerca das competências dos bebês em relação às atividades maternas e o estado de vigília dos bebês. A amostra foi constituída por 30 casais mãe-bebê, com bebês com idade média de 29 dias. Registrou-se em vídeo as atividades da díade durante 20 minutos. Foi aplicado um questionário às mães. Os dados foram analisados em termos da percentagem de ocorrências das atividades maternas e interação. Os episódios de interação identificados foram de curta duração, predominantemente face-a-face, com contextos específicos de troca e se caracterizam principalmente por atividades sociais. Os bebês foram avaliados quanto à participação nas trocas sociais. Os resultados contribuem com elementos importantes para discussão dos primeiros processos interacionais.

*Palavras-chave:* Interação mãe-bebê; interação precoce; desenvolvimento inicial.

## Initial Mother-infant Interactions

## Abstract

This study aimed at analyzing the characteristics of initial mother-baby interactions in a Brazilian urban context. The interaction characteristics, mother's activities and their conception about the baby's competencies in relation to the mother's activities and the relationship between the characteristic of those activities and the baby's awareness state. A sample of 30 mother-baby dyads was observed. The dyads consisted of mothers and her babies who were, on average, 29 days old. The dyads were videotaped for 20 minutes and the mothers were asked to answer a questionnaire. The data were analyzed in terms of the percentage of the occurrences of the dyad's activities and interaction. The episodes of interaction identified were short-term, mainly face-to-face, having a specific context and mostly distinguished as social activities. The babies were evaluated as active and participant in the social exchange. The results contribute with important elements for discussion of the nature of the first interactional processes.

*Keywords:* Mother-infant interaction; early interaction, initial development.

interações iniciais mãe-bebê em um contexto urbano brasileiro; 2) investigar as relações entre essas características e a concepção das mães acerca das competências dos bebês; 3) avaliar relações entre a ocorrência de determinadas atividades das mães (Ex.: fala e atribuição de significado e/ou intenção aos comportamentos do bebê) e a concepção materna acerca das competências dos bebês; 4) estudar as relações entre atividades das mães e o estado de vigília dos bebês.

Conforme destacam Smotherman e Robinson (1996), no período logo após o nascimento pode-se claramente observar interações entre bebês e seus cuidadores. Para Vinter (1987) há uma espécie de pré-adaptação que propicia, desde o nascimento, a construção de um sistema de comunicação mãe-bebê. No curso das primeiras semanas, os bebês apresentam uma ligação estreita entre os sistemas de percepção e ação organizada, parecendo predispostos a responder seletivamente a estímulos sociais (Rochat, 2001). Segundo Trevarthen e Hubley (1978), os recém-nascidos possuem uma motivação básica para se relacionar com pessoas. Durante este período os bebês estão sintonizados socialmente e sua perspectiva em relação às pessoas é 'atencional', ainda sem sinais de intersubjetividade (Rochat & Striano, 1999). Os bebês apresentam, no entanto, uma vida subjetiva, traços de temperamento duradouros e linhas de base afetivas particulares que fazem parte de seu senso privado de *self* (Rochat, 2001). Nas interações mãe-bebê, os afetos, sentimentos e emoções de um ecoam os do outro por espelhamento, contágio ou reações contingentes dentro de um curto espaço de tempo. É isto que permite o desenvolvimento da intersubjetividade.

No segundo mês, bebês apresentam os primeiros sinais de "intersubjetividade primária" (Rochat & Striano, 1999). Esta é uma forma de interação que se apresenta nos primeiros meses de vida do bebê (entre os 2 e 3 meses) e tem como aspectos essenciais o interesse que o bebê demonstra pela fala da mãe e sua capacidade, nas primeiras trocas entre os dois, de orientar sua atenção para o rosto da mãe e de responder imediatamente às solicitações dela. Respondendo a estas características dos bebês, e orientados pelos sistemas de cuidados parentais (Keller, 1998) os adultos que deles cuidam são muito sensíveis às pistas

1980). No caso da mãe há um ajuste intuitivo da sua atividade às capacidades do bebê (Bruner, 1978). Este ajuste pode ser percebido, inclusive, em termos de reciprocidade (Snow, 1994).

Para caracterizar as interações mãe-bebê, algumas características parecem fundamentais: a reciprocidade e a comunicação (Rochat, 1996). Argumenta-se que a interação exige que ambos respondam aos comportamentos um do outro. A reciprocidade, sobretudo, sustentada por ambos. Essa reciprocidade é encontrada desde fases iniciais do desenvolvimento. Ela pode ser inferida, por exemplo, no processo de comunicação por Bruner (1983) e nas evidências produzidas por pesquisas de rosto imóvel (Ex.: Brazelton & Cramer, 1979). A reciprocidade, é preciso considerar, segundo Rochat (1996), ocorre algum nível de comunicação entre a mãe e o bebê. A comunicação pode se dar de diferentes formas: contato olho a olho, sorrisos, vocalizações, posturas, expressões faciais, tom de voz, aproximação e afastamento, brincadeiras e do choro. Mãe e bebê são sensíveis ao do outro e respondem a eles. No caso da mãe, é importante verificar a atribuição de significados de acordo com o contexto de troca e de seu conhecimento do bebê. A atribuição de significado é mediado pelas representações acerca do mundo, de um modelo geral de interação, de um conjunto de representações e expectativas sobre o desenvolvimento. É no processo de interação que se desenvolvem as significações nele envolvida que se desenvolvem a comunicação, de "fazer sentido um para o outro", de comunicação que se estabelece entre a mãe e o bebê, possibilita trocas interacionais entre eles, são trocas intimamente ligadas ao próprio desenvolvimento.

Características das interações iniciais mãe-bebê foram estudadas (Ex.: Brazelton & Cramer, 1992; Cramer & Brazelton, 1979), inclusive longitudinal e transculturalmente (Maital, Tal & Baras, 1995; Bornstein & Tamir, 1999), sendo observadas transformações nessas trocas entre mães e colaboradores, o engajamento entre os parceiros interacional e voltado para a própria diáde, com o desenvolvimento da comunicação.

modificação na natureza das mesmas. Quando o bebê tinha 2 semanas, o olhar e o contato físico foram os elementos essenciais para o estabelecimento e manutenção das interações, caracterizadas como exclusivamente de domínio social. Nas observações posteriores, as modalidades de comunicação foram se ampliando. Mostrar e olhar para objetos são incluídos, por exemplo. A díade começa a incorporar elementos do mundo exterior às interações.

Algumas atividades das mães parecem ser especialmente importantes no primeiro ano de vida do bebê, pelo menos em algumas culturas ocidentais. O predomínio da atividade da mãe de olhar o bebê também foi identificado por Kaye e Fogel (1980), em uma pesquisa longitudinal na qual foi verificado que mães de bebês de 6; 13 e 26 semanas despendiam cerca de 100% do tempo de observação olhando os bebês diretamente. O toque pelas mães também foi apontado por estes autores como de fundamental importância no sentido de atrair a atenção dos seus bebês. Ao mesmo tempo, observou-se um declínio significativo da proporção de tempo durante o qual as crianças mantêm a atenção nas faces das mães. Os bebês, que inicialmente estão mais voltados para o estímulo potente que é a face humana, aos poucos incluem nas suas preferências visuais, além do rosto humano, objetos animados e inanimados do ambiente.

Além dessas transformações relacionadas ao curso da ontogênese do bebê, as formas que as trocas interacionais mãe-bebê assumem podem variar, de acordo com a diversidade de contextos socioculturais nos quais estão inseridas. Se as características dos bebês recém-nascidos são consideradas universais, assim como as propensões parentais e a presença de trocas interacionais, a forma que assumem e suas características são relativas ao contexto sociocultural. LeVine (1989) discute esta questão apontando que as condições em que se dá o desenvolvimento inicial em sociedades não ocidentais são bastante diversas das do ocidente. Neste sentido, os padrões de interação devem ser investigados considerando a variação cultural nos ambientes iniciais de desenvolvimento. Aqui, uma referência às idéias de Keller (1998) é especialmente útil. Para ela, pelo menos

em resposta a seu choro, e por meio de gestos, mantendo o bebê principalmente no colo. Os cuidados extras oferecidos são, por exemplo, em creches).

Keller (1998) classifica o modo de desenvolvimento humano com os cuidados, basicamente, por um modo exclusivo ou um(a) substituto(a), de modo múltiplo (os cuidados com o bebê por vários membros do grupo social) e a estrutura atencional, de modo como é dada atenção ao bebê, de modo como a mãe é co-ativa (a mãe realiza atividades com o bebê) ou exclusiva (outras atividades são realizadas simultaneamente aos cuidados com o bebê). No cuidado ocidental e não ocidental, a atenção dada ao bebê em relação ao ambiente social, é dada de modo exclusivo ou de modo múltiplo e a estrutura atencional é exclusiva ou de modo múltiplo. O modo de desenvolvimento social múltiplo e estrutura atencional exclusiva é o modo ocidental apresentaria uma estrutura atencional exclusiva. Nos ambientes diádicos exclusivos, parece predominar um modo de desenvolvimento que se baseia principalmente em estímulos visuais/vocais/verbais. Nos ambientes de desenvolvimento múltiplo, os bebês são carregados quase o tempo todo e o contato corporal é bem maior e os bebês recebem um do outro são táteis.

Mesmo em cada um desses modos de desenvolvimento parental, podem ser observadas variações culturais específicos. Bornstein e Field (1982), por exemplo, identificaram que mães americanas com seus bebês de 5 meses de idade despendiam mais tempo do que as mães americanas. Da mesma forma, Kawai (1988) encontraram diferenças culturais em estudos que compara o microcosmo em díades mãe-bebê com 3 meses de idade nos Estados Unidos. Os resultados indicam que as mães de diferentes culturas responderam de diferentes maneiras aos comportamentos dos bebês, m

distribuição dos vários sistemas parentais para se compreender as características comuns e as variações culturais nas interações iniciais. Constatando-se a carência de estudos brasileiros sobre o tema, este trabalho visa preencher parcialmente essa lacuna e oferecer algumas evidências sobre interações iniciais em díades mãe-bebê em contexto urbano.

## Método

## Amostra

Participaram 30 díades mãe-bebê. As mães tinham entre 17 e 39 anos ( $M=28$  anos) e apresentavam níveis de instrução variados: fundamental ( $n=6$ ), médio ( $n=7$ ) e superior ( $n=17$ ). Os bebês tinham entre 22 e 37 dias ( $M=29$  dias) na ocasião da observação. O grupo tinha aproximadamente o mesmo número de mães que trabalhavam fora ( $n=16$ ) e que não trabalhavam ( $n=14$ ). Na ocasião da observação, as mães que trabalhavam fora de casa estavam de licença maternidade.

As famílias residiam em bairros distribuídos por diversas regiões das cidades de Nova Iguaçu, São Gonçalo e Rio de Janeiro. Quase todas as díades pertenciam a famílias nucleares, constituídas por pai, mãe e um ou mais filhos.

## Instrumento

Foi utilizado o *Questionário sobre a Concepção de Competências do Bebê Recém-Nascido* (QCBR, IF Guttman split-half=0,86), que inclui 35 itens distribuídos nas seguintes áreas, identificadas através da análise de componentes principais (Ribas & Seidl de Moura, 1995): área I - Capacidades sensoriais e de imitação que possibilitam ao bebê um conhecimento do mundo e das pessoas; área II - Diferenças individuais entre bebês e sua capacidade de interagir com o mundo e pessoas; área III - Possibilidade de participação ou alheamento nas interações.

## Procedimientos

Antes de aceitarem participar da pesquisa, as mães receberam esclarecimentos necessários sobre sua natureza, sobre o sigilo e confidencialidade das respostas, sobre o uso restrito das imagens em vídeo e sobre o caráter voluntário da participação. As diádes

Foram descritos, ainda, os contextos específicos da amamentação, mãe cuidando do bebê) em cada uma das observações e foram também identificados os estados de vigília dos bebês. Foram transcritas todas as falas e vocalizações ocorridas durante a observação.

Inicialmente os dados foram analisados em termos da porcentagem de ocorrências das atividades realizadas e das ocorrências de interação, de domínio social e de objetos. Em seguida, foi elaborado um quadro com as atividades realizadas pela mãe e pelo bebê e seguido de uma análise qualitativa destas atividades. Os tipos de interação identificados foram analisados em termos de descrição, contexto específico de troca, duração. Foi ainda realizada uma análise qualitativa das interações considerando aspectos como: natureza das atividades, parceiros, ocorrência ou não de ajustes, possibilidade de favorecer interações, cenários de interação, ocorrência de interação, entre outros. Foram analisadas também as tentativas de interação não efetivadas.

As falas e vocalizações da mãe durante a interação foram analisadas quantitativamente, em termos de atribuição de significado e intenção aos comportamentos do bebê, e qualitativamente, em termos da natureza das falas. Em relação ao QCBR, foram computados os índices parciais obtidos pelas mães.

## Codificação de Dados

Os registros em vídeo foram analisados para identificar: interações mãe-bebê, atividades e estados de vigília do bebê e contextos dessas atividades da mãe e do bebê foram observados para caracterizar instâncias de interação e não co-interação. As interações foram ainda categorizadas em mutuamente excludentes e exaustivos: domínio da mãe (DS) e domínio de interação mediado por co-interações tentativas de interação não efetivada (TIE) e não identificadas e analisadas.

As atividades da mãe consideradas f

## Resultados e Discussão

Considerando a percentagem de ocorrências nos intervalos, verificou-se que as atividades predominantes das mães nos períodos observados foram: olhar o bebê (99,2%) e tocar o bebê (83,4%), confirmando algumas evidências da literatura, como dos estudos de Kaye e Fogel (1980) e Ribas (1996), já citados. Estes achados sugerem a importância das atividades de olhar e tocar no processo interacional mãe-bebê. Os dados relativos à percentagem de ocorrência de atividades das mães e bebês e ocorrências de interação são apresentados na Tabela 1.

Apesar de ser necessário considerar a existência de uma ampla gama de diferenças individuais entre os bebês já no nascimento, parece razoável considerar a existência também de um repertório comum de atividades características de bebês nesta fase. Nesta investigação, considerando a percentagem de ocorrências nos intervalos, foi verificada a predominância das seguintes atividades dos bebês: olhar o ambiente (54%), vocalizar (48,9%), olhar a mãe (39,6%) e mamar (38,1%).

Essas atividades ocorreram em diferentes estados de vigília do bebê. Foram calculadas as percentagens de ocorrência em diferentes estados, indicando uma tendência para o estado acordado. 5. Pelo procedimento adotado, a maioria das atividades do bebê adormecesse. Consistentemente, o estado mais freqüente no qual o bebê estava acordado.

Foram identificados episódios de atividades observadas. Os episódios de atividades observadas, em média, em torno de 9% dos intervalos de observação social, confirmando evidências da literatura. Os dados mostram-se mais voltadas para o estado acordado, apresentando a ele objetos e eventos de interação progressivamente.

A natureza das interações em diferentes contextos de desenvolvimento apresenta peculiaridades. O repertório de comportamento de interação medida em que ela seleciona os materiais de interação. O bebê de acordo com o repertório de interação em contextos específicos de troca.

Tabela 1

*Ocorrência de Interação e Atividade nos Diferentes Estados de Vigília*

Distribuição de Atividades (n) Considerando Estados N=900 intervalos

Estado	DSOC	DDID	Tenta	Mgesto	Mvocali	Mfala	MSorri	MToque	Molha	Mmostra	M
1	0	0	0	0	4	9	2	19	19	0	0
2	18	0	7	1	30	136	18	183	252	3	3
3	77	0	14	3	80	405	61	500	583	6	6
4	6	0	1	1	38	130	10	148	160	1	1
5	1	0	0	0	24	88	8	97	101	0	0
Total Absoluto	81	0	21	3	124	575	76	751	893	8	8

Distribuição de Atividades (%) Considerando Estados/Percentagem geral

Estado	DSOC	DDID	Tenta	Mgesto	Mvocali	Mfala	MSorri	MToque	Molha	Mmostra	M
1	0,00	0,00	0,00	0,00	0,44	1,00	0,22	2,11	2,11	0,00	0,00
2	2,00	0,00	0,78	0,11	3,33	15,11	2,00	20,33	28,00	0,33	0,33
3	8,56	0,00	1,56	0,33	8,89	45,00	6,78	55,56	64,78	0,67	0,67
4	0,67	0,00	0,11	0,11	4,22	14,44	1,11	16,44	17,78	0,11	0,11
5	0,11	0,00	0,00	0,00	2,67	9,78	0,89	10,78	11,22	0,00	0,00
Total Absoluto	9,00	0,00	2,33	0,33	13,78	63,89	8,44	83,44	99,22	0,89	0,89

Distribuição de Atividades (n) Considerando Estados N=900 intervalos

Os contextos específicos de troca mais apropriados para as interações se transformam no curso do desenvolvimento. No presente estudo, onde foram observados bebês com idade média de 29 dias em suas casas, os contextos específicos de troca das díades foram restritos, como já era esperado. Predominaram nos episódios de interação: bebê no colo da mãe, mamando ( $n=30$ ), bebê no colo da mãe sem estar mamando ( $n=13$ ) e cuidado, como: trocar fralda, vestir, dar remédio ( $n=8$ ).

Foram observados 53 episódios de interação, com uma duração média de 22,4s, variando entre 6s e 2 min e 5s. Mesmo com a faixa de variação observada, pode-se dizer que foram, em geral, curtos os episódios em que mãe e bebê estavam engajados. Parecem ser, principalmente, as características do bebê, como parceiro, que impõem limites temporais à interação.

As durações médias dos episódios de interação variaram nos diferentes contextos de troca: cuidado (9,75s), bebê no colo sem estar mamando (21,9s) e bebê no colo mamando (26,5s). A maior duração dos episódios de interação no contexto de amamentação pode ser explicada pelo fato de que a posição em que os parceiros se encontram é facilitadora de maior engajamento, no sentido da manutenção do contato visual. A distância pequena em que os rostos dos dois ficam um do outro também parece propiciar o prolongamento do contato visual. Outro aspecto que deve ainda ser levado em conta é que a própria atividade de amamentação tende a durar mais tempo do que outras como trocar fralda, por exemplo.

As díades observadas realizaram, predominantemente, trocas face-a-face, que parecem ser características do início do desenvolvimento neste tipo de investimento parental (ocidental). Em grande parte dos episódios identificados, mães e bebês olhavam-se mutuamente e as mães, ao mesmo tempo, falavam com os bebês, acariciavam, sorriam e atribuíam significado aos comportamentos deles. Os ajustes posturais das mães feitos na tentativa de melhor acomodar os bebês e facilitar o contato visual entre eles, devem ser destacados. Os bebês, com um repertório de comportamentos mais restrito, tendiam a olhar para o rosto das mães e a movimentar os membros. Embora pouco frequentes, foram identificadas interações nas quais não ocorreu o contato visual mãe-bebê. As interações foram iniciadas

específico em que a mãe está sentada ao lado do bebê na cama do casal. As tentativas observadas foram feitas por parte das mães e tiveram como objetivos: chamar o bebê, chamar a atenção do bebê para si, ou chamar o bebê para o ambiente. A atenção das mães sobre a vigília dos bebês e a tentativa de modificá-la de acordo com o contexto puderam ser observadas. Em alguns momentos as mães tentavam não deixar os bebês chorarem enquanto eram amamentados, em outros, as mães tentavam tranquilizar os bebês, para lhes proporcionar conforto.

A percentagem de intervalos em que o bebê estava no colo e em que foram identificadas tentativas de interação foi maior do que no caso de interações. Isto se deve ao fato de que a forma mais freqüente que as tentativas das mães assumiram foi a de tentar mudar a posição do bebê, como apontado acima. Estas tentativas ocorreram no contexto de amamentação, em situações em que demonstrava passar do estado alerta ao sono. Quando as mães agiam no sentido de trazê-los novamente ao estado alerta para que continuassem mamando. Nas tentativas, as mães se utilizavam de pistas posturais, falavam e chamavam os bebês no intuito de chamá-los para engajassem com ela ou prestassem atenção ao ambiente.

Considera-se que os estados de vigília do bebê são um dos elementos importantes da auto-regulação. Observou-se, a partir da análise qualitativa, que as mães tendem a levar em conta informações sobre o estado do bebê para guiar seu comportamento. A diminuição da interferência, utilizando-se a terminologia de Brazelton e Cramer (1992), ou seja, falar com o bebê para tentar chamar a atenção dele durante a amamentação, identificado nas análises, é um bom exemplo. Por outro lado, a análise dos estados de vigília do bebê predominaram durante os episódios de interação. A interação não efetivada revelou que a maior parte das tentativas ocorreu no estado 3. Isto indica que o bebê estava comunicando isto à mãe pelas atividades que estavam realizando (movimentar os membros, vocalizar), e a mãe estava tentando

elas um significado, as interpretam de acordo com suas referências, e agem, em resposta aos bebês, de acordo com esta interpretação. Isto se revela, em parte, nas falas que são classificadas nesse estudo como de 'atribuição de significado'. Cabe lembrar que, numa opção conservadora, só foram classificadas desta maneira manifestações explícitas da fala da mãe. Foram observadas 199 instâncias de atribuição de significado, a maioria delas sobre 'preferências/vontade' (52,8%). As demais foram sobre 'estados emocionais' (16%); 'condição/sensação física' (16%); 'necessidades básicas/fisiológicas' (14,6%) e 'capacidade cognitiva' (0,6%). O fato das atribuições feitas pelas mães e reveladas em suas falas mostrarem-se predominantemente vinculadas a preferências e vontades dos bebês revela uma concepção de que estes últimos, desde muito cedo, mostram-se capazes de fazer uma série de discriminações sensoriais e ter, conseqüentemente, diversas preferências.

Embora, de modo geral, as mães tenham apresentado os mesmos comportamentos durante as interações, foram identificadas certas particularidades e diferenças individuais entre elas. Os estilos de lidar com os bebês variaram. Em relação às atividades de cuidado, por exemplo, algumas mães realizavam as tarefas com os bebês de forma rápida, eficiente e mostravam-se menos atentas aos sinais comunicativos e comportamentos dos bebês. Outras, realizavam as tarefas mais lentamente, aproveitando as atividades executadas naquele contexto como elementos para a interação, ou seja, falavam com os bebês sobre o que estavam fazendo e atribuíam a eles estar ou não gostando daquelas atividades. Na amamentação, os estilos também diferiram. Algumas mães permaneciam atentas ao bebê durante a amamentação, olhando para eles e os acariciando. Outras tendiam a realizar tarefas enquanto amamentavam, como, por exemplo, ver televisão.

Escore total no QCBR foram calculados. Escores mais altos no QCBR indicam uma visão mais positiva e acurada das competências de bebês. O grupo de mães que respondeu ao questionário obteve um escore total médio de 139,94 ( $dp=14,07$ ). Trata-se de um escore médio alto, compatível com resultados obtidos em um estudo realizado com adultos por Seidl de Moura, R. Ribas, A. Ribas e Correa (submetido). O resultado obtido no presente estudo é semelhante ao obtido em uma amostra de

seguintes atividades da mãe: falar, de significado, e com a variável pr em termos de número de ep percentagem de ocorrência). Não significativas entre os escores do (frequência e percentagem de tentativa de interação (idem). Fo significativas entre os escores tot mães: falar ( $r=0,52; p<0,05$ ), so significado ( $r=0,45; p<0,05$ ).

A identificação de correlações da mãe, e o escore total no QCBR o status que as mães atribuem a s forma como agem em relação a e mães consideram os bebês comp como interlocutores e realizam m comunicativas do tipo falar e sorrir.

As atividades das mães e episódios de interação, foram ag uma nova variável que expressa O índice de atividade da mãe foi bebê, sorrir, tocar o bebê, vocal índice de atividade do bebê foi mamar, vocalizar, olhar ambien identificar correlações entre os es os índices de atividade da mãe e do uma correlação significativa entre e o índice de atividade da mãe ( $r=$

## Considerações

Considera-se que o preser contribuição ao estudo de inter de atividades comuns a mães e trocas sociais foi identificado e das interações iniciais nessas investigando-se as relações ent suas atividades e interações cor Os episódios de interação ide



nascidos, considerando-os como ativos e participantes das trocas sociais. Mais importante do que este resultado, no entanto, são as correlações significativas obtidas entre o escore total neste instrumento, o índice geral de atividade da mãe, e as variáveis falar, sorrir e atribuir significado. Isto revela uma relação entre algumas das representações das mães e suas ações direcionadas a seus bebês recém-nascidos.

Estes achados mostram-se congruentes com a literatura internacional, e trazem elementos importantes para a discussão acerca da natureza e de aspectos universais e específicos dos primeiros processos interacionais.

## Referências

- Bornstein, M. & Tamis-LeMonda, C. S. (1990). Activities and interactions of mothers and their firstborn infants in the first six months of life: Covariation, stability, continuity, correspondence and prediction. *Child Development*, 61, 1206-1217.
- Bornstein, M. H., Maital, S. L., Tal, J. & Baras, R. (1995). Mother and infant activity and interaction in Israel and the United States: A comparative study. *International Journal of Behavioral Development*, 18, 63-82.
- Brazelton, T. B. & Cramer, B. G. (1992). *As primeiras relações*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bruner, J. (1983). *In search of mind: essays in autobiography*. New York: Harper & Row.
- Fogel, A., Toda, S. & Kawai, M. (1988). Mother-infant face-to-face interaction in Japan and the United States: Laboratory comparison using 3-month-old infants. *Developmental Psychology*, 24, 398-406.
- Heckhausen, J. (1987). How do mothers know? Infants' chronological age or infants' performance as determinants of adaptation in maternal instruction? *Journal of Experimental Child Psychology*, 43, 212-226.
- Kaye, K. & Fogel, A. (1980). The temporal structure of face-to-face communication between mothers and infants. *Developmental Psychology*, 16, 454-464.
- Keller, H. (1998). Diferentes caminhos de socialização até a adolescência. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 8, 1-14.
- Keller, H. (1998). Different socialization pathways to adolescence. Trabalho apresentado na 4th Africa Region International Society for the Study of Behavior Development Conference, ISSBD, Windhoek, Namibia, 20-23 de Julho.
- LeVine, R. A. (1989). Cultural environments in child development. Em W. Damon (Org.), *Child development today and tomorrow* (pp. 52-68). San Francisco: Jossey-Bass.
- Osofsky, J. D. & Connors, K. (1979). Mother-Infant Interaction: An integrative view of a complex system. Em J. D. Osofsky (Org.), *Handbook of infant development*. New York: John Wiley & Sons.
- Ribas, A. F. P. (1996). *Interações precoces mãe-bebê: A gênese de zonas de desenvolvimento*. Tese de Mestrado não-publicada, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ.
- Ribas, A. F. P. & Seidl de Moura, M. L. (1995). Construção e validade de um instrumento de estudo da concepção de adultos acerca das competências de interação. *Brasileiros de Psicologia*, 47, 89-99.
- Ribas, A. F. P. & Seidl de Moura, M. L. (1998). Interação precoce e desenvolvimento. *Psicologia*, 9, 50-66.
- Robin, M. (1980). Interaction process analysis of mothers with their infants. *Early Child Development and Care*, 6, 93-108.
- Rochat, P. (2001). *The infant's world*. Cambridge, Mass., and London: MIT Press.
- Rochat, P. & Striano, T. (1999). Social-cognitive development in infancy. Em P. Rochat (Org.), *Early social cognition: Understanding others in the first year of life* (pp. 3-34). Mahwah, New Jersey & London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Rosenthal, M. K. (1983). State variations in the newborn and the mother during breast feeding: Some sex differences. *Developmental Psychology*, 19, 33-40.
- Seidl de Moura, M. L. & Ribas, A. F. P. (1996). Mother and infant interaction in the zone of proximal development. *Abstracts, IInd Conference on Early Childhood Development*, Geneva, p. 45.
- Seidl de Moura, M. L., Ribas, R. C., Ribas, A. F. P. & Correia, A. (1998). Interação precoce e desenvolvimento de bebês de 0 a 2 meses de idade. *Brasileiros de Psicologia*, 47, 89-99.
- Smotherman, W. & Robinson, S. (1996). The development of social cognition in the first year. *Developmental Psychology*, 32, 3, 425-434.
- Snow, C. (1994). Beginning from baby talk: Twenty years of research on language interaction. Em C. Gallaway & B. J. Richards (Orgs.), *Language development in the first year* (pp. 3-12). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Tomasello, M. (1999). Social cognition before the revolution. Em P. Rochat (Org.), *Early social cognition: Understanding others in the first months of life* (pp. 1-3). Mahwah, New Jersey & London: Lawrence Erlbaum.
- Trevarthen, C. & Hubley, P. (1978). Secondary intersubjectivity and acts of meaning in the first year. Em A. Lock (Org.), *Primary and secondary intersubjectivity* (pp. 183-229). London: Academic Press.
- Vinter, A. (1987). *A imitação do recém-nascido*. São Paulo: Manole.
- Vygotsky, L. S. (1984). *A formação social da mente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Sobre os autores

**Adriana F. Paes Ribas** é Psicóloga, Doutora em Psicologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É Professora do Curso de Psicologia da Universidade Estácio de Sá.